

## CORPOS VIOLADOS EM ROMANCES DE NENÊ MACAGGI

Huarley Mateus do Vale Monteiro<sup>1</sup>  
Tânia Sarmiento-Pantoja<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo deste texto centrou-se na categoria ‘corpo’ enquanto chave de análise no campo matéria literária, tendo por referência as obras de Nenê Macaggi (2012, 1980, 1984, 2012) como campo de problematizações referentes a biopolítica. O constituinte metodológico pauta-se na genealogia. Os influxos teóricos buscam suporte nas reflexões de M. Foucault (2002, 2013, 1987), G. Agamben (2004a, 2004b), R. Espósito (2005), Sarmiento-Pantoja (2011) e M. Silva (2012) entre outros e outras.

**Palavras-chave:** Corpo; Violação; Literatura; Nenê Macaggi

### Introdução

O poder sobre a vida, ‘fazer viver’ - o corpo produtivo e docilizado (FOUCAULT, 2002, p. 287) - é o foco central das sociedades modernas ocidentais, fortemente marcada pelo desenvolvimento da medicina enquanto sustentação de modelo ideológico. Dados estatísticos serão um entre os tantos dispositivos usado para institucionalização do controle sobre atuações pedagógicas, sexuais, de saúde e jurídicas como formas agenciadoras da vida (FOUCAULT, 2002). O conjunto de dispositivos de controle, usados com a intenção de anular os manifestos contrários a essa forma biopolítica de captura dos corpos serão fortes indícios das diferentes formas de violações pelas quais passarão os corpos vulnerabilizados socialmente.

As contribuições do filósofo M. Foucault para o pensamento científico moderno são relevantes e trazem como marca terminologias outras, significativas chaves de análise. Uma destas ele denomina de biopolítica. Para o francês, seguido G. Agamben e R. Espósito, as mudanças ocorridas trouxeram implicações também na forma do Estado moderno agir sobre a vida dos sujeitos. Principalmente no entendimento sociopolítico, quando da sobreposição do sistema de soberania ao que ele denomina de biopoder.

Nesse desdobramento, a mobilidade instituída pelo sistema capitalista neoliberal possibilitou à biopolítica agir não apenas vinculada ao poder do estado, mas em diferentes formas de ação a interesse do capital financeiro como agenciamento do social, político, econômico e cultural. Nessa miríade neoliberal, as práticas de resistência têm se reinventado, justamente na dinâmica da vida cotidiana em sociedade. Quanto a isto Peter

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade Estadual de Roraima (UERR), Doutorando em Letras, Estudos Literário (PPGL-UFGA), mdmval72@gmail.com

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Pará (UFPA),

Pál Pelbart (2003, p. 13) afirmar que “[...] a vida tornou-se o alvo supremo do capital. Por outro, a vida mesma tornou-se um capital, senão ‘o’ capital por excelência”. É a ‘vida’ enquanto potência, forma inventiva do ser humano reagir aos processos opressores problematizados por G. Agamben (2004a) enquanto ‘vida nua’.

A categoria vida, torna-se elemento de diálogo entre G. Agamben e Roberto Esposito frente as possibilidades que devem ser dadas a respeito de uma filosofia política que seja exercida sobre a vida e não da vida (ESPOSITO, 2005, p. 12). A aproximação entre os filósofos de linhagem italiana nos remete a defesa da genealogia tendo a vida não enquanto entendimento “médico-científica”, mas sim “filosófico-político-teológico” (AGAMBEN, 2005, p. 23). As práticas violentas para permanência das propostas biopolíticas pautadas no modelo político-econômico, marcam experimentos traumáticos, indícios deixados no corpo de sucessivas violações.

Rita Laura Segato (2003) aponta ousadas reflexões quanto a práticas abusivas resultantes dos efeitos da biopolítica junto a grupos socialmente excluídos: grupos religiosos, detentos, minorias sociais. O dialogo fortemente marcado nas inscrições deixadas ao longo dos tempos no corpo de cenário brasileiro, seriam as escritas de uma sociedade cujas relações socialmente estabelecidas ainda padecem dos rançosos hábitos da sociedade patriarcal, cujo violento discurso machista e misógeno seria um dos indícios do poder soberano sobre o corpo do outro.

### **O corpo**

M. Foucault afirma que “Em todo caso, uma coisa é certa, o corpo humano é o ator principal de todas as utopias” (2013, p. 08), já Le Breton considera “Nossa existência humana é corporal” (2007, p. 07). Entre ambos, marca-se a busca interpretativa do corpo enquanto ato político em diferentes linhas de atuações científicas contemporâneas. Alinhada ao que pretendemos, enfatizamos o corpo enquanto escrita de práticas de violência a sujeitos em condições de vulnerabilidade, e não só.

As inúmeras tentativas de anular as evidencias deixadas, demonstram que é justamente a própria presença corporal do vulnerável que denuncia a barbárie, ao mesmo tempo que age de forma contrária a essa prática. Neste caso o ato de silenciar não pode ser entendido apenas como condescendência, mas também um apontamento estratégico de planejamento e reação.

As tensões sociais apontam ainda que os corpos dos sujeitos étnicos são historicamente desqualificados de diferentes maneiras. A forma depreciativa, violenta e bárbara de se referir a esses corpos, também historicamente in-submissos, demonstram ações da biopolítica. Associamos esta desqualificação a grupos minoritários historicamente subjugados quando de sua condição de provocadores e questionadores das formas de poder. A reação contrária a existência humana de corpos provocativos é marcada por discursos de desqualificação e práticas de violações. Negros, mestiços, homoafetivos, transex, prostitutas, albinos, indígenas e tantas outras ‘vozes corporais’ ressoam enquanto corpos provocativos, in-submissos, pela própria condição de existência.

Naturalizou-se a postura de atribuir classificações, gêneros e raça aos corpos não docilizados, In-Dóceis, como forma de disfarce da barbáries praticadas aos viventes subalternizados em favor da “honra”, dos “bons costumes” e da “nação”. Os corpos In-Dóceis representam a resistência contrária as práticas opressoras, visto que apropria-se da movimentação do sistema capitalista neoliberal para re-agir. Quando passamos a atuar na construção desta chave interpretativa, agimos diretamente na desconstrução de terminologias como a noção ordinária de gênero e raça, transpondo os limites do estético e do fronteiro, clausuras do corpo docilizado (FOUCAULT, 1987, p.27). O desenho da exclusão do outro se faz representado por sucessivas vezes, através do extermínio de grupos étnicos inteiros a exemplo dos indígenas. Os dispositivos de anulamento do corpo vivente provocador podem confirmar as constantes tentativas de ajustá-los aos moldes do ordenamento capitalista neoliberal. A vida politicamente provocativa e In-Dócil (corpo transgressor, profanador da “honra”, da “ordem” e dos “bons costumes”) é o alvo a ser anulado, aniquilado.

A Amazônia brasileira inclui-se no recente conjunto ordinário da biopolítica justamente no “populismo desenvolvimentista” cujos corpos dos sujeitos que experimentaram os diferentes desdobramentos dessa proposta foram fortemente atingidos. O modelo político agiu enquanto biopolítica do aniquilamento, expropriação e apropriação do território imprimindo no corpo do vivente atingido por ela, rastros de violações. Podemos considerar que a própria existência do In-Dócil demonstra os registros de experiências de violações agenciadas durante todo processo de ocupação do território amazônico brasileiro. Índícios desses embates podem ser vistos nas formas de

silenciar, resultante das sucessivas práticas de submeter o outro à contínuas violações. O processo ideológico construído para esta região primou pela ‘desqualificação’ não apenas do sujeito que nela dinamiza sua vida, mais ainda o próprio espaço é, ainda na contemporaneidade, construído tendo por prática o ordinário discurso de progresso para “o bem da nação”. Tudo o que nela está padeceria da intervenção do poder “salvador” do estado para retirá-la da condição primitiva em que supostamente se encontra. É neste tom que o discurso de Vargas se constrói:

É tempo de cuidarmos, com sentido permanente, do povoamento amazônico. Nos aspectos atuais o seu quadro ainda é o da dispersão. O nordestino, com o seu instinto de pioneiro, embrenhou-se pela floresta, abrindo trilhas de penetração e talhando a seringueira silvestre para deslocar-se logo, segundo as exigências da própria atividade nômade. Ao seu lado, em contacto apenas superficial com êsse gênero de vida, permaneceram os naturais à margem dos rios, com a sua atividade limitada à caça, à pesca e à lavoura de vazante para consumo doméstico'. Já não podem constituir por si sós êsses homens de resistência indobrável e de indomável coragem, como nos tempos heróicos da nossa integração territorial, sob o comando de PLÁCIDO DE CASTRO e a proteção diplomática de RIO BRANCO; os elementos capitais do progresso da terra, numa hora em que o esforço humano, para ser socialmente útil, precisa concentrar-se técnica e disciplinadamente. O nomadismo do seringueiro e a instabilidade econômica dos povoadores ribeirinhos devem dar lugar a núcleos de cultura agrária, onde o colono nacional, recebendo gratuitamente a terra...” (GETÚLIO VARGAS 1942)

O corpo do vivente apontado no fragmento acima aparenta ser a metáfora da “vida desqualificada” (AGAMBEN, 2005), teríamos ainda o “espaço desqualificado” carente e necessitando passar por modernas transformações. Subalternizado, violado de diferentes maneiras, embaralham-se no fragmento os discursos e práticas da cultura neoliberal enquanto efeito maléfico biopolítico no espaço georeferenciado. Justamente nessas cintilações históricas, o campo artístico literário pode nos conduzir a indícios do efeito violento da biopolítica na região. Quanto a esta movimentação do fazer literário e sua atuação política, imanente, A. Bosi contribui afirmando que “Deve-se aprofundar o campo de visão. E detectar em certas obras, escritas independentemente de qualquer cultura política militante, uma tensão interna que as faz resistente, enquanto escrita, e não só, ou não principalmente, enquanto tema.” (BOSI 2002, p. 129). Podemos entender que

a contribuição do campo artístico é forte aliado nos manifestos de resistência, justamente na forma criativa de cintilar maneiras outras de resistências.

### **Os romances**

Nenê Macaggi<sup>3</sup> inicia seu projeto literário na Amazônia na década de 1970. Nossa busca parte da historiografia literária com vista a apontar algo ‘a mais’ e encontra nas reflexões de Sarmiento-Pantoja (2011) forte indício:

[...] o abarcamento de uma cultura localizada, a partir das condições geo-espaciais relacionadas à Amazônia, a memória ligada à apreensão da História, particularmente voltada a um conjunto de referências ao regime militar de 1964, e o trânsito da utopia estão entre as linhas de força que julgamos ser mais enfáticas, implicando complexas possibilidades criativas e reflexivas. (SARMENTO-PANTOJA 2011, p. 02)

O fragmento acima, potencializa a memória enquanto apreensão histórica. Entende a autora que o conjunto articulado dos registros discursivos podem nos levar aos efeitos que movem-se para além da configuração apenas ‘geo-espacial’, ganham força questões fortemente marcadas sobre a chave interpretativa da violência, e não apenas. Quanto a este levante feito por Sarmiento-Pantoja, Jaime Ginsburg afirma que “A violência, tal como definida aqui, envolve o interesse em machucar ou mutilar o corpo do outro, ou leva-lo à morte.” (GINZBURG, 2012, p. 11)

O que podemos abstrair quanto ao entendimento de violência funda-se na relação de indícios que os romances podem nos ofertar. A violência física, causadora de danos, apontadas pelo autor não inviabiliza os efeitos traumáticos que ela causa. Nessa linha de entendimento, sobre a chave da violência, buscamos indícios sobre tais recorrência nos romances de Nenê Macaggi, posto os sucessivos episódios que apontam cenas de violações e maneiras depreciativas de referir-se ao subalternizado. Os indícios apontam forte recorrência da barbárie no campo artístico, mostrando ainda um gênero construído de mesclas de elementos estéticos e históricos. Enfatizamos que o projeto romanesco da autora na Amazônia inicia-se em 1976.

---

<sup>3</sup> Por uma opção didática decidimos adotar o título dos romances de maneira reduzida, até como forma de possibilitar maior dinamismo na leitura dos mesmos. Assim, “A mulher do garimpo: o romance do extremo sertão norte do Amazonas”, lê-se “A mulher do garimpo”; “Exaltação ao verde: água, terra e pesca”, lê-se “Exaltação ao verde”; “Dadá Gemada, Doçura Amargura: o romance do fazendeiro de Roraima”, lê-se “Dadá Gemada”; “Nará Sue Werená: o romance dos Xamauterete do Parima”, lê-se “Nará Sue Werená”.

Em *'A Mulher do garimpo.'* as cenas de violações iniciam já na infância das protagonistas da narrativa. Na tentativa de evitar abusos que por ventura possa acontecer com a então Ádria, o padrinho - tutor de sua criação - traveste a criança de menino. Esse ato será determinante para os conflitos pelas quais a personagem irá passar. Na excetiva a seguir o corpo da criança passa a sofrer violentas mudanças.

Aos sete anos estava no Grupo escolar do Largo do Machado. Inteligente e estudiosa, andava sempre vestida de homem e chamavam-na de José Otávio. É que Joãojão-Bico de-Lacre, em sua profissão trabalhando sempre com a escória sabendo o quanto chega a maldade humana, para salvaguardar a integridade física da menina, achou melhor fazê-la passar por garoto. Depressa ela se acostumou com os trajes e aos poucos foi adquirindo hábitos do sexo oposto. (MACAGGI 2012, p.34).

Para além de nos demonstrar a tentativa de evitar a violação através do travestimento da menina, o fragmento nos aponta ainda para o desamparo sofrido pela 'injeitadinha' (MACAGGI 2012, p. 31) frente ao falecimento da mãe e, logo em seguida, da avó. Quem assume a responsabilidade é o padrinho, Joãojão-Bico-de-Lacre. Os desdobramentos da trama apresentarão uma longa trajetória do, agora travestido de homem, imigrante José Otávio até a região do 'extremo sertão norte do Amazonas'. Durante suas aventuras José Otávio passará por constantes investidas contra seu corpo travestido, principalmente pela maneira de portar-se frente as relações exercidas na dinâmica do garimpo.

A Ruivinha [...] A Mulher do Garimpo vai se haver comigo. Vou dar em cima, vocês vão ver. E vamos nos divertir! Prometo! [...] Vou lhe dar dois beijos na boca e quero ver o que ele faz.[...]  
Não sou Mocinha, Ruiva ou Mulher do Garimpo. Sou é muito macho como acabaram de ver. (MACAGGI 2012, p. 274)

As tentativas de violações do corpo da protagonista darão os ritmos à trama. O desfecho da narrativa mostrará a resistência sendo frequentemente exercitada pela personagem principal.

Do mesmo modo, no romance em *'Nará Sué Uerená'* as figurações da violência ganharão força com a presença da família que detém a posse da Fazenda Três Corações. Nesse espaço, a trama se desenvolve com a chegada de *Nará Sué-Werená* e *Recura*, seu

avô. Haviam sobrevivido ao ataque a sua comunidade. Sendo os dois únicos sobreviventes, sem ter para onde ir, após certo tempo descendo um grande rio, encontram o capataz da fazenda. Ele oferece-lhes trabalho na fazenda e para lá seguem. Os desdobramentos da trama serão de extrema barbárie. O filho e a mãe, proprietários da fazenda, proporcionarão cenas horrendas. Vejamos:

Depois pulou na cama, tal qual um sapo, ergueu a enferma, ajeitou-se a seu modo, e abriu-lhe as pernas cobertas de sangue; empunhando então uma pequena faca enferrujada, de seu uso, meteu logo o punho inteiro no útero da infeliz criatura, cortando... cortando...e logo o sangue escurecido escorreu junto com os pedacinhos do couro cabeludo e da carne do inocentinho que não teve a ventura de ver, sequer, a luz do dia ou receber um beijo materno. (MACAGGI 2012, p. 101)

A passagem refere-se a cena em que a megera, dona da fazenda, manda induzir o parto de uma das funcionárias da fazenda, demonstrando seu domínio absoluto, certeza de impunidade e forte demonstração de poder e autoridade. A cena é apenas uma entre as tantas que a obra nos apresenta. Em outra passagem o narrador apresenta-se em tom depreciativo à figuração do indígena, vista pelos donos da fazenda.

A cabeleira, espessa, lisa, negra e comprida nas mulheres, fede a caracu de boi ou a brilhantina barata. Todos tem a pele boa e de cheiro característico, misto de fumaça, peixe moqueado e sujeira. Sempre tem piolhos, mas sua pele jamais é espinhada.  
[...] mulheres, fede a caracu de boi ou a brilhantina barata. (MACAGGI 2012, p. 150)

As figurações discursivas nos apontam indícios de práticas que se naturalizaram na Amazônia quando de seu processo de povoamento, mostrando o teor depreciativo durante décadas a fio em relação ao indígena. Podemos afirmar que a tentativa de desqualificar o que configuram os pertencimentos étnicos são fortemente presentes no fragmento citado, reverberam as violentas formas de agressões impressas na descrição dos corpos do indígena. A narrativa ganhará este teor durante todo seu desenrolar afirmando que os indícios históricos ganham escrituras violentas e preconceituosas.

Em *'Dadá-Gemada'* também não será diferente. Além das violações temos novamente as personagens em situação de desamparo. Fragilizada/os e submetida/os às violações. Naldo-Macuxi, indígena mestiço criado como filho pelos donos da fazenda,



vive a infância nos campos e serrados, ainda adolescente é enviado para estudar na cidade do Rio de Janeiro. Longe da família sofre intensos conflitos, com a sensação de ter perdido seu destino. Torna-se usuário de drogas, abandona a faculdade. Retorna ao Amazonas e segue até a cidade de Maués. Lá reencontra Dadá-Gemada, também vitimada pelo desamparo e sucessivas agressões causadas pelo ex-esposo. Esta, por sua vez havia abandonado a filha na fazenda e ido viver com um homem que a forçava prostituir-se e manter relações sexuais sem seu consentimento a peso de espancamentos. Após isto, ela ampara Naldo-Macuxi que, recupera o rumo de sua vida e acordam que ele irá retornar ao Rio de Janeiro, terminar a faculdade e, após isto, juntos regressarão para Fazenda. A filha de Dadá-Gemada, Doçura-Amargura, é o grande amor de Naldo-Macuxi e o motivo de seu retorno ao lar em que fora criado. Porém, ela também sofrerá agressões. Após o falecimento do pai e abandonada pela mãe é levada para outra região aos cuidados de parentes de seu falecido pai. É violentada, gerando um filho.

Foi até o quintal, onde ela regava umas plantas e pediu-lhe que lhe fizesse um café.

Sem desconfiar de nada, a pobre criança entrou na cozinha. E imediatamente Gastão pulou sobre ela, tapando sua boca e arrastando-a para o quarto dele.

Dadá defendia sua honra, enlouquecida, mas não era mais a Dadá-Gemada cheia de vida e saúde que chegara ali e por isso predominou a lei do mais forte e ele jogou-a brutalmente sobre a cama, rasgou-lhe a roupa e possuiu-a como um animal sem entranhas, deixando-a ferida, machucada e completamente exaurida. Depois saiu do quarto para tomar água e logo voltou. Dadá estava num canto da cama, jogada, soluçando estremecidamente. [...] Então chegou perto dela e disse-lhe: - É melhor ir para o seu quarto. Eu não disse, gata amarela, que você havia de ser minha?!

E saiu assobiando. (MACAGGI 1980, p. 75)

As cenas horrendas reafirmam o corpo como escritas das históricas violações contra mulheres. Após o acontecimento, Doçura-Amargura consegue sobreviver às atrocidades e é socorrida e amparada por um casal de idosos. Quando recuperada, dá ao casal o conhecimento de todo seu amargor, os quais decidem ajudá-la a retornar à fazenda. O desfecho é o reencontro com a mãe e o casamento com Naldo-Macuxi.

No romance *'Exaltação verde'* as cenas seguem a configuração dos romances anteriores. Neste, o enredo apresenta um núcleo familiar que, após serem expulsos por grileiros de terras das margens do rio Amazonas, migram para a região do baixo Rio



Branco. Nesse espaço formam uma colônia agrícola. O núcleo central da trama se desenrola sobre a forma bárbara como a jovem mestiça, Luana, é violentada. Vejamos na passagem a seguir.

Dois monstros meio trôpegos e barbados, pularam sobre ela, com os olhos cuspindo volúpia e um deles, como um raio, lhe tapou a boca com as mãos. E também como um raio, ela mordeu-a e ele largou um gemido de dor. Furioso, deu-lhe uma bofetada tão grande que ela caiu sobre o capim e, xingando-a, amarrou-lhe um pedaço de pano imundo que tirou do bolso. E ela os reconheceu! Eram os dois bêbados do botequim! A cena foi horrível! Luana se defendeu como pode, num esforço doloroso, sentindo aquelas quatro mãos ásperas como lixa percorrendo seu corpo, desnudando-a e aquele hálito horrível sobre seu rosto. Suas esperanças logo se desvaneceram, pois frágil como era, de que jeito poderia vencer aqueles tarados tão fortes? Arrastaram-na, rasgaram-lhe as roupas, arranharam-na, morderam-na, um deles esculpiu-lhe no seio, com uma navalha, de leve, uma cruz e a possuíram-na bestialmente... (MACAGGI 1984, p. 251)

As fortes cenas que envolvem a jovem Luana demonstram a maneira como o corpo indígena, mestiço e feminino é tratado na obra. Contudo essa recorrência nos aponta para questões muito mais amplas. Ainda sobre o recorte deste trabalho, a dinâmica de leitura nos aponta indícios outros que podem esclarecer o tom depreciativo referente a representação sobre o indígena nas obras, denunciadas pelas vozes das personagens. Neste caso, entendemos que deva ser dado o sentido depreciativo correlato a preconceito, desrespeito, exclusão e desprezo ao outro. O que ressoa nas falas do narrador talvez reproduza o teor ideológico e preconceituoso construído sobre aqueles e aquelas que não se incorporam aos modos de vida e do poder autoritário, alinhado e representativo do menosprezo, da pequenez, da subordinação, violência e do preconceito aos indígenas mestiços e, principalmente, mulheres.

### **Algumas considerações**

No conjunto dos romances podemos observar que os corpos que foram submetidos as práticas de violência são femininos o que nos demonstra indícios sobre a maneira como eram, ou são, tratados os corpos femininos durante a sócio histórica da Amazônia a partir das políticas de povoamento nela imantadas. Essas escriturações dos corpos demonstram que a historiografia da maneira como é narrada, contada, pode esconder raízes mais profundas escamoteadoras de práticas historicamente negadas.

Perguntamo-nos quais as possibilidades de reflexão e de resistência a partir da categoria corpo nos romances? Uma das possibilidades pode ser a insistência na capacidade humana de ser normativa e não simplesmente se adequar às normas construídas socialmente. Outra, aponta o viés da discussão que desenvolve-se sobre poder e liberdade. Neste sentido podemos considerar a biopolítica também como proprietária da vida enquanto potência. É justamente na apropriação criativa daquilo que atua para manter o corpo docilizado que encontramos as aberturas para a atuação de resistência. O corpo mestiço de Naldo-Macuxi, de Dadá-Gemada e Doçura-Amargura - nem “branco” nem “indígena” – aparenta ser uma das grandes provocações nos romances e, justamente serão eles os atingidos pelas cenas de violações. Há de se evidenciar os agravos quanto a violação incide principalmente no corpo feminino mestiço, cintilando a sociedade moldada no patriarcado as quais estão submetidas na ficção criada por Macaggi, cuja a mulher indígena trabalha como doméstica, a mulher branca figura como a dona da fazenda e a mulher mestiça submetida às violações mais horrendas. Seriam estes corpos In-Dóceis, provocativos, a metáfora da resistência marcada pela criativa forma da linguagem dando voz ao corpo enquanto inscrição das diferentes marcas e formas agressivas do colonialismo implantado na Amazônia. Reverberam ainda, corpos que padecem duplamente, transita *entre* dois mundos: o da ancestralidade e o da urbanidade, apontando tensões conflitantes que alinham-se a dramas humanos cotidianamente enfrentados na contemporaneidade, seja no travestimento ou na condicionante de mestiça/o.

### Referências

AGAMBEN, G. Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I. 1a reimpressão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004a.

\_\_\_\_\_. Infância e história: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2005.

\_\_\_\_\_. Estado de exceção. Tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004b.

ESPOSITO, R. Bios, biopolítica e filosofia. Buenos Aires: Amorrortu, 2006

FOUCAULT, M. Aula de 17 de março de 1976. In: FOUCAULT, M. Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p.285-315.

\_\_\_\_\_. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970/Michel Foucault; tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

\_\_\_\_\_. Vigiar e punir. Petrópolis: Vozes, 1987.

GINZBURG, Jaime. Literatura, violência e melancolia. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2012.

MACAGGI, Nenê. A mulher do garimpo: o romance no extremo sertão do Amazonas. 2.ed. Boa vista – RR, Gráfica Real, 2012.

\_\_\_\_\_. Dadá-gemada doçura amargura. [mimeografado], 1980

\_\_\_\_\_. Nará-Sué Uarená: o romance dos Xamatautheres do Parima. Boa Vista: Gráfica Real, 2012.

\_\_\_\_\_. Exaltação ao Verde (Terra-Água-Pesca): o Romance do Baixo Rio Branco. [[mimeografado], 1984

PELBART, P.P. Vida capital: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.

SARMENTO-PANTOJA, Tânia. “Literatura e História: intermediações sobre a Amazônia em Benedicto Monteiro e João de Jesus Paes Loureiro.” XII Congresso Internacional da ABRALIC. Curitiba, 2011.

SEGATO, Rita Laura. *Las estructuras elementales de la violencia: ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos*. Bernal, Argentina: Universidad Nacional de Quilmes, 2003.

VARGAS, G. O discurso do Rio Amazonas. Revista brasileira de geografia. abr.- jun, 1942. p. 259-262. Disponível em:

<[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg\\_1942\\_v4\\_n2.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1942_v4_n2.pdf)>.

Acesso em: 08 jan. 2018.